

GT 01 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA

NOS CAMINHOS DA LINGUÍSTICA E DA FILOLOGIA

Adílio Junior de Souza
(URCA/UFPB)
adilio.souza@urca.br

RESUMO

Neste artigo, nos propomos a definir Filologia e Linguística, mostrando suas origens. Por ser este um artigo de revisão de literatura e também historiográfico, a base teórica consultada foi constituída por: Dubois *et al.* (2004), Bassetto (2005), Faraco (2006), Mattos e Silva (2008), Coutinho (2011), entre outros. Compreendemos que os estudos filológicos são essenciais para o conhecimento da história das línguas. E, por essa razão, é preciso conhecer a Filologia, como uma ciência que dá suporte à linguística. Acreditamos que a filologia românica, linguística românica e linguística histórica são áreas correlacionadas e interdependentes.

Palavras-chave: Linguística. Filologia. Historiografia.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos filológicos têm despertado o interesse de muitos pesquisados desde tempos imemoriais, entre os quais, citemos os trabalhos de *Erastóstenes*, *Aristóteles*, *Cícero*, *Suetônio* e *Sextus Empiricus*. Muito do que se produziu sobre Homero, por exemplo, tanto na Grécia quanto em outras partes do mundo, ainda nos encantam e nos revelam.

Por outro lado, o estudo científico da linguagem, que para nós hoje é um fato dado, outrora já foi amplamente questionado. Porém, graças aos trabalhos pioneiros dos neogramáticos (*Franz Bopp*, *William Jones*, *Jacob Grimm*, *Friedrich Diez* e, especialmente, *Ferdinand de Saussure*), a Linguística se tornou a ciência piloto encarregada de analisar a língua/linguagem em todas as suas particularidades.

Faremos, a seguir, uma breve revisão de literatura, discorrendo sobre o surgimento histórico da Filologia, bem como o nascimento da Linguística. Apontaremos, também, as relações intrínsecas entre *Philologia* e *Linguistica* e quais são os caminhos que essas duas ciências têm trilhado.

2 HISTORIA PHILOLOGIAE ET LINGVISTICAE

A filologia não é disciplina recente. Ela remonta aos estudos gregos feitos na Ágora em Atenas ou em qualquer recanto da Ática, no século IV a. C e refinados em Alexandria, no século II a. C. Por séculos, por meio dessa ciência, muitos filólogos se debruçaram sobre os poemas homéricos, a fim de esmiuçá-los até o último alpha e beta.

“A filologia é uma ciência histórica que tem por objetivo o conhecimento das civilizações passadas através dos documentos escritos que elas nos deixaram: estes nos permitem compreender e explicar as sociedades antigas” (DUBOIS *et al.*, 2004, p. 278), em outras palavras, a filologia é ciência crítica e discursiva, todavia se atém ao estudo do texto.

O texto é a fonte para todas as investigações filológicas. E sem ele, o trabalho não se faz. Eis aí um problema crucial. O filólogo fica agarrado ao texto, querendo extrair dele todas as informações, porém, como sabemos, os textos escondem mais do que revelam. “O trabalho principal do filólogo é, portanto, a edição dos textos” (DUBOIS *et al.*, 2004, p. 278).

Uma investigação filológica, por si só, não pode ir além do que as linhas revelarem. Essa “prisão textual” força o pesquisador a tomar duas decisões: ou ele investiga o texto e a ela se atém, ou extrapola-o, fazendo uso de outras ferramentas ou aparato teórico-práticos de outras ciências.

Em nosso estudo, o mesmo impasse se construiu. Mas decidimos seguir o segundo caminho. Acreditamos e defendemos que a interdisciplinaridade é o melhor caminho para a compreensão global de um fenômeno linguístico.

Estabelecido o nosso ponto de partida, partamos para a definição do campo de atuação do φιλόλογος (*philologus*) e amante das palavras (BASSETTO, 2005), em seguida conheceremos as outras ciências que com ela faremos interligação. Partamos do conceito geral: “Do grego φιλολογία, traves do latim *philologus*, isto é, ‘amigo das letras, das obras literárias, da linguagem’ (ELIA, 2004, p. 01).

Vemos, no fragmento, uma defesa apaixonada pelos estudos filológicos. Vemos também uma descrição pormenorizada do termo φιλολογία (*philologia*). Definição similar e bastante conhecida no meio acadêmico nos é dada por Mattoso Câmara (2011, p. 143): “Helenismo que significa literalmente ‘amor à ciência’, usado a princípio com o sentido de erudição, especialmente quando interessada na exegese dos textos literários. Hoje designa, estritamente, o estudo da língua na literatura, distinto portanto da linguística”.

Contudo, a Filologia além de ser utilizada para a análise de textos literários, como aponta Mattoso Câmara (2011), ela também se presta à avaliação de outras tipologias de textos, inclusive de cunho político, filosófico ou teológico.

No Brasil, variadas obras de autores renomados foram dedicadas ao exame de gêneros textuais e temas diversos, muitas delas sobre textos clássicos como *Os Lusíadas* ou questões gramaticais, estilos literários, etimologia, entre outros assuntos (ELIA, 2004; ALI, 2006).

Em procedimento semelhante ao de Mattoso Câmara (2011) e Silvio Elia (2004), Bruno Bassetto (2005) faz uma revisão etimológica do conceito de filologia na *Introdução* do livro *Elementos de Filologia Românica*. Nessa obra, o autor adverte que tal conceito não unívoco, de difícil definição e não assenta em tranquilidade teórica (BASSETTO, 2005).

De acordo com autor, termos como *filologar* e *filólogo* antecederam *filologia*. Os três termos possuem o vocábulo *λόγος* (*verbum*) e isso explica a relação do filólogo com o texto, isto é com a “palavra” escrita. Em sua origem, foram primeiramente empregados por Platão e Aristóteles, tendo como significado essencial o amor pelas palavras escritas. Durante alguns esse era o conceito que perpassava, mas sua transmissão gerou polissemia em virtude de variados usos (BASSETTO, 2005).

Os caminhos entre a filologia e linguísticas estão unidos desde tempos anteriores, como nos declara Carlos Alberto Faraco em sua obra *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*: “é importante dizer que a linguística como ciência não nasceu evidentemente do nada. Precedem as formulações modernas sobre a linguagem os milênios em que as pessoas, em diferentes sociedades, pensaram a questão da linguagem” (FARACO, 2006, p. 130).

Visto dessa maneira, as primeiras investigações sobre a linguagem, nos variados povos, sempre se moldaram em uma mesma base-comum: o filosófico-filológico. Os estudos hermenêuticos que orientam a doutrina grega se calcam na filologia, pois os gregos acreditavam que a melhor maneira de se investigar o pensamento/linguagem era analisar os escritos.

A filologia nasce da necessidade que os gregos sentiam de abordar esse pensamento/linguagem. Para eles, as palavras refletiam a *razão*, no sentido filosófico do termo. Durante muitos séculos essa hipótese prevaleceu e à medida que a filologia se refinava enquanto ciência do texto, mais esse ajuizamento era feito. A pureza da língua servia como baliza para se fazer julgamento sobre a linguagem.

Com o objetivo de preservar a boa linguagem, a filologia se torna uma ciência conservadora, que tem como tarefa proteger o idioma grego (especialmente o dialeto ático) da

corrupção dos dialetos externos à Grécia. Os textos escritos nos dialetos jônico e eólico também são protegidos pelos filólogos alexandrinos, porém em menor número. O dialeto de prestígio era o ático, haja vista que foi nele que escreveram Platão e Aristóteles. E foi nele também em que se verteram os poemas homéricos, *Ilíada* e *Odisseia*, no século II a. C.

Desse modo, a Filologia se constitui em uma ciência histórica e, ao mesmo tempo, conservadora. Sua origem está ligada à formação da Gramática Tradicional, também nascida em berço helênico. Ao conservar um texto “puro”, não corrompido pelos dialetos bárbaros, o filólogo fazia um trabalho similar ao de um gramático, que tenta impedir os usos considerados inferiores ao dialeto estabelecido como padrão.

A Gramática Tradicional tem um papel determinante na eleição de formas de prestígio, em detrimento às formas de menor prestígio. Na língua grega, tudo aquilo que vinha de fora (de outros idiomas não helênicos) devia ser desprezado.

O mesmo procedimento ocorreu em Roma. Todo o qualquer idioma era tido como bárbaro, isto é, as “línguas bárbaras” eram todas inferiores ao latim clássico e por isso mesmo devia ser banidas, para não dizer extintas.

Durante séculos Roma se recusou a admitir o uso de línguas não clássicas dentro de seus muros. Obviamente que fora dele, um conjunto de outros falares se impunham ao latim. Nesse sentido, a Filologia, tanto na Grécia quanto em Roma, enfrentou resistência das camadas populares que faziam uso de variedades desprestigiadas.

Sobre esse assunto, Bassetto (2005, p. 29) diz: “É sabido que os gregos e os romanos não se interessavam por outras línguas não a própria, mostrando até certo menoscabo pelos não falantes do grego ou do latim ao chamá-los ‘barbari’”. E esse desprezo perdurou por séculos até que, no Renascimento, isso mudou. Voltaremos a essa questão em outro momento.

A pureza de um idioma é um mito que hoje não mais é pregado. Todo e qualquer idioma apresenta variações e mudanças linguísticas. No dizer de Faraco (2006), qualquer língua é “um conjunto de variedades”.

Em uma discussão sobre a abrangência de atuação da Linguística e sua relação com outras ciências, Furtado da Cunha, Costa e Martelotta (2013, p. 23) afirmam que a Filologia: “é uma ciência eminentemente histórica, que por tradição se ocupa do estudo de civilizações passadas através da observação dos textos escritos que elas nos deixaram, com o intuito de interpretá-los, fixa-los e estabelecer ao leitor o processo de transmissão textual”.

Ao nos deparamos com o primeiro capítulo do CLG, cujo título é *Visão geral da história da Linguística*, lemos a seguinte exposição feita pelo mestre genebrino sobre o termo *filologia*: “A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar,

interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica” (SAUSSURE, 2012, p. 31).

Neste sentido, a Filologia é uma “Ciência que estuda uma língua em toda a sua amplitude, a partir da análise histórica de textos” (BECHARA, 2009, p. 412). Uma de suas principais contribuições diz respeito aos estudos de história cultural, política, social e linguística, visto que por meio dela podemos preparar os textos, editá-los, comentá-los e organizá-los, além disso, os materiais servirão como documentos que revelam a história de um determinado povo.

Essa ciência permite uma “Análise científica que visa restituir a forma linguística original a um texto, pela comparação com outras versões ou edições” (BECHARA, 2009, p. 412). Dito de outra maneira, “Uma função básica da filologia é a recuperação dos textos escritos em tempos pretéritos, por meio da edição conservadora e a explicação de fenômenos da história e da cultura de um povo, expressos por meio da linguagem registrada nos textos” (XIMENIS, 2012, p. 93-94).

No entendimento de Coutinho (2011, p. 18), “Qualquer estudo feito no sentido de reconstituir textos antigos de uma língua, corrigi-los quando errados, restituí-los à sua genuinidade quando interpolados, constitui trabalho da Filologia”.

Esse filólogo ainda divide a área de atuação de Filologia em duas: de um lado a Filologia Comparada que se atém as línguas clássicas, tais como o Latim e o Grego, e outra, a Filologia Românica (também chamada de Linguística Românica) voltada para as línguas novilatinas (COUTINHO, 2011; ELIA, 2004; BASSETTO, 2005).

Outros autores optam por dividir a Filologia em duas: Filologia Clássica, que se dedica a investigar exclusivamente línguas clássicas e Filologia Moderna, que por sua vez se atém ao estudo das línguas modernas e, ainda, pode receber o nome de Filologia Românica, Filologia Portuguesa (ELIA, 1975) ou qualquer outra nomenclatura conforme a área de abrangência (SILVA NETO, 1977; ELIA, 2004; BASSETTO, 2005).

Em nossa apreciação da Linguística e suas áreas conexas, nos esforçaremos para não adentrarmos em questões mais polêmicas sobre essa ciência. Por isso, faremos a distinção entre Linguística Histórica, Linguística Geral e História da Linguística. Nos deteremos em uma exposição objetiva de conceitos relevantes ao nosso estudo, bem como trataremos da relação direta que existe em o método histórico-comparativo e filologia românica.

Em nosso ponto de vista, apoia nos argumentos de Faraco (2006), vemos que a linguística histórica determinou o surgimento da filologia românica. E nesses termos,

aceitamos a hipótese que Faraco prega: a criação do método comparativo foi o fator decisivo para a investigação do parentesco entre as línguas e, conseqüentemente, o estudo das variantes do latim vulgar.

Mas, antes de aprofundarmos essa questão acima, estabeleçamos a distinção entre a Linguística e suas partes correlatas. Silvio Elia (1978) divide a ciência da linguagem em duas partes: na primeira, cujo nome é Linguística Histórica, é uma área que se dedica a investigação da língua em uma perspectiva evolutiva, isto é, observa a língua sob a óptica diacrônica; na segunda, a Linguística Geral, prioriza-se uma investigação sincrônica da língua, ou seja, de estados da língua (ELIA, 1978).

É dessa segunda parte que trata CLG, obra atribuída a Ferdinand de Saussure (2012). Nesta obra, e muitas outras similares (MARTELOTTA, 2013; CABRAL, 1974), que vemos uma exposição de temas como: definição da Linguística, suas divisões e vertentes, natureza da língua, signo linguístico, dupla articulação da linguagem, fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, variação e mudança linguística, entre outros temas.

Os trabalhos *História da linguística*, de Denilson P. de Matos (2007), *História da linguística*, de J. Mattoso Câmara (2009) e *História concisa da linguística*, de Bárbara Weedwood (2014) pertencem evidentemente ao campo da história da linguística, enquanto que os trabalhos de Faraco (2006), Assis *et al.* (2011), Gabas Jr (2012) e Mattos e Silva (2008) pertencem ao campo da linguística histórica.

Na primeira fase da Linguística, temos estudiosos proeminentes, entre os quais, podemos citar: Friedrich Schlegel (1772-1829), Franz Bopp (1791-867), William Jones (1746-1794), Jacob Grimm (1785-1863), Ramus Rask (1787-1832), Friedrich Diez (1794-1876), August Schleicher (1821-1868), Herman Osthoff (1847-1909), Karl Brugmann (1849-1919), Karl Verner (1846-1896), entre outros. São esses alguns dos nomes que, como afirma Faraco (2006), foram um “divisor de águas” com seus tratados, “de um lado, pela crítica aos antecessores, da qual resultou em maior rigor em certos procedimentos metodológicos; de outro, pela direção que acabou imprimindo à linguística histórica a partir daí” (FARACO, 2006, p. 139).

Na segunda fase, os procedimentos metodológicos se aprimoraram e o método histórico tornou-se a ferramenta essencial para a investigação e comparação entre os idiomas, especialmente aqueles oriundos da latina. Assim, através do estabelecimento do método histórico-comparativo, os processos de mudanças foram mais profundamente investigados. Entendemos por mudança linguística as alterações que ocorrem no interior de um sistema linguístico, a língua. Para Gabas Jr (2012, p. 89), tais alterações podem ocorrer em virtude de

três fatores: “a) as mudanças são lentas e graduais; b) elas são parciais, envolvendo apenas partes do sistema linguístico e não o seu todo; c) elas sofrem influência de uma força oposta, a força de preservação da intercompreensão”.

A Linguística Histórica compreende, ainda, duas vertentes: linguística histórica *lato sensu* e linguística histórica *stricto sensu* (MATTOS E SILVA, 2008). “A primeira inclui todo estudo linguístico que trabalha com dados datados e localizados, portanto, historicamente contextualizados” e “a segunda concentra-se na mudança linguística no tempo, considerando fatores intralinguísticos ou estruturais e fatores extralinguísticos ou sócio-históricos” (ASSIS *et al.*, 2011, p. 14). Esta última vertente trabalha com duas orientações: a linguística histórica sócio-histórica e a linguística diacrônica associal (MATTOS E SILVA, 2008).

Nossa investigação, portanto, se concentrará nos fatos internos à língua e, por isso, abordará os dados coletados sob a perspectiva tanto em sentido amplo (*lato sensu*) quanto em sentido estrito (*stricto sensu*), objetivando, com isso, realizar uma discussão mais objetiva.

Além disso, segundo Carboni (2008), a Linguística Histórica não defende o estudo da origem da linguagem, mas o estudo das transformações que uma dada língua sofre. E sua área de abrangência vai da *história interna* (as mudanças internas que um dado sistema passa) à *história externa* (as mudanças externas à língua, ou seja, acontecimentos históricos, políticos, sociais e culturais que exercem influência sobre uma língua) (COUTINHO, 2011; FARACO, 2006; MATTOS E SILVA, 2008).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa intenção, nesse artigo, foi a de definir e delimitar as áreas de abrangência entre a Linguística e Filologia e suas ramificações elementares. Buscamos, na medida do possível, esclarecer as origens, metodologias e objetos de estudo dessas áreas, apontando, inclusive, a estreita correlação de interdependência entre elas.

Em suma, a Filologia (enquanto ciência do texto) e Linguística (enquanto ciência da língua/linguagem) devem ser compreendidas a partir de suas particularidades, o que significa compreendê-las como ciências que apresentam arcabouços teóricos, métodos e objetos de estudo distintos. Mas que podem ser empregadas juntas em uma dada pesquisa com finalidades específicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M. *et al.* A pesquisa histórica da língua portuguesa. In: SOUZA, M. E. V; ASSIS, M. **Pesquisa em língua portuguesa: da construção do objeto à perspectiva analítica.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 13-31.

BASSETTO, B. **Elementos de filologia românica: história externa das línguas.** Vol. I. São Paulo: EDUSP, 2005.

BECHARA, E. **Minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CABRAL, L. **Introdução à linguística.** Porto Alegre: Globo, 1974.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **História da linguística.** Petrópolis: Vozes, 2009.

CARBONI, F. **Introdução à linguística.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COUTINHO, I. **Gramática Histórica.** Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 2004.

ELIA, Silvio. **Preparação à linguística românica.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

_____. **Ensaio de Filologia e Linguística.** Rio de Janeiro: GRIFO/MEC, 1975.

_____. **Orientações da linguística moderna.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

FARACO, C. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Parábola, 2006.

FURTADO DA CUNHA, Angélica; COSTA, M; MARTELOTTA, M. Linguística. In: MARTELOTTA, M. **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2013, p. 15-30.

GABAS JR., Nilson. Linguística Histórica. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, A (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** vol. I. São Paulo: Cortez, 2012, p. 85-112.

MARTELOTTA, M. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2013, p. 43-70.

MATOS, D. **História da Linguística.** Rio de Janeiro: UCB, 2007.

MATTOS E SILVA, R. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível.** São Paulo: Parábola, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** São Paulo, Cultrix, 2012.

SILVA NETO, S. **Manual de filologia portuguesa**: história, problemas e método. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

XIMENIS, E. Filologia: uma ciência antiga e uma polêmica eterna. **Philologus**, ano 18, n. 52, p. 93-115, jan./abr. 2012.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola, 2014.